

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017

GT-7 – Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia & Inovação

REPOSITÓRIOS INSTITUCIONAIS E REDES SOCIAIS ACADÊMICAS: AS PRÁTICAS DOS PESQUISADORES BRASILEIROS

Ana Maria Ferreira de Carvalho (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Fábio Castro Gouveia (Fundação Oswaldo Cruz)

INSTITUTIONAL REPOSITORIES AND ACADEMIC SOCIAL NETWORKS: THE PRACTICES OF BRAZILIAN RESEARCHERS

Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral

Resumo: Ao comemorar quinze anos do Movimento de Acesso Aberto, os líderes deste movimento buscam refletir sobre os avanços, os valores, os impactos e a relevância desta iniciativa junto com a comunidade científica, para propor novas recomendações. Estudos realizados nesses quinze anos mostram crescimento significativo do número de repositórios institucionais e de periódicos científicos de acesso aberto, mas, por outro lado, registram que os repositórios ainda são pouco povoados. O desconhecimento da existência dos repositórios e a não adesão ao autoarquivamento são os principais fatores que contribuem para este cenário. Recentemente, as redes sociais virtuais ganham espaço nas comunidades científicas, atraindo pesquisadores, que veem nesse novo ambiente, recursos que favorecem a disponibilização e o compartilhamento de conteúdo acadêmico e a interação com seus pares. Este estudo apresenta as práticas dos pesquisadores de instituições de ensino superior brasileiras no uso de uma rede social acadêmica, o *ResearchGate*, e dos repositórios institucionais, no que se refere à disponibilização de conteúdo acadêmico. Por meio de levantamento de dados no diretório *OpenDOAR* e na rede *ResearchGate*, apresenta-se o número de documentos disponibilizados nesta rede e nos repositórios, cotejando estes valores. Verifica-se que todas as instituições de ensino superior brasileiras da amostra têm representação na rede *ResearchGate* e que há uma parcela significativa de pesquisadores brasileiros que utilizam esta rede para disponibilizar documentos científicos. Também foi possível observar que há instituições cujo volume de publicações disponíveis no *ResearchGate* representa mais de 50% do volume de documentos disponíveis em seus repositórios institucionais.

Palavras-Chave: Acesso Aberto; Repositório Institucional; Autoarquivamento; Redes Sociais Acadêmicas; *ResearchGate*.

Abstract: Celebrating fifteenth years of the Open Access Movement, the leaders of this movement reflect on the advances, values, impacts and relevance of this initiative, together with the scientific community, to propose new recommendations. Studies carried out over the long term of these fifteen

years show increase in the number of institutional repositories and open access journals, but, on the other hand, they record that the repositories are still underpopulated. The lack of knowledge about the repositories and non-adherence to self-archiving have been presented as the main factors that contribute to this scenario. Recently, virtual social networks have gained space in scientific communities, attracting researchers who see in this new environment, resources that favor the availability and sharing of academic content and interaction with their peers. This paper presents the practices of researchers from Brazilian higher education institutions in the use of an academic social network, the ResearchGate, and institutional repositories, regarding the availability of academic content. Through data collection in the OpenDOAR directory and in the ResearchGate network, the number of documents available in this network and in institutional repositories is presented, comparing these values. It is verified that all the Brazilian higher education institutions of the sample have representation in the ResearchGate network and that there are significant number of Brazilian researchers who use this network to provide scientific documents. It was also possible to show that there are institutions whose volume of publications available in ResearchGate represents more than 50% of the volume of documents available in their institutional repositories.

Keywords: Open Access, Institutional Repository, Self-archiving, Academic Social Networks; ResearchGate.

1 INTRODUÇÃO

O movimento de acesso aberto está completando 15 anos. Ao longo dessa caminhada a comunidade científica vem renovando os compromissos assumidos em 2002 na Declaração de Budapeste. As principais estratégias para o sucesso deste movimento, segundo a Declaração, são a Via Verde, que se refere às condições necessárias para que o próprio autor possa depositar sua produção científica em um repositório, isto é, o autoarquivamento; e a Via Dourada, que se refere aos periódicos de acesso aberto, uma via por meio da qual os pesquisadores e qualquer outro usuário poderão fazer acesso ao conteúdo acadêmico, sem nenhuma barreira tecnológica ou financeira (BOAI, 2002).

Apesar de o número de RI ter crescido de forma expressiva ao longo dos últimos 15 anos, o que se observa é que muitos deles encontram-se, ainda, muito pouco povoados. O desconhecimento da existência de RI, às dúvidas e à insegurança em relação às questões que envolvem o autoarquivamento são os principais fatores que inibem os pesquisadores a aderirem à estratégia da Via Verde, como se observa nos trabalhos apresentados por Ordña-Malea *et al.* (2016) e Tay (2017). Por outro lado, também neste período, houve uma evolução tecnológica que proporcionou novas possibilidades de interação e de compartilhamento de informação. Com a Web 2.0 surgem as redes sociais na Internet, que rapidamente ganham espaço em todos os segmentos sociais, inclusive na comunidade científica. Neste cenário, a atratividade, especificamente das redes sociais acadêmicas, pode representar uma concorrência aos RI e, em médio prazo, um comprometimento da estratégia da Via Verde na

busca por devolver à academia o comando da comunicação científica e por garantir o acesso irrestrito aos resultados de pesquisa.

Os resultados obtidos no estudo realizado por Kim (2010) mostram que as práticas do autoarquivamento são mais frequentes em *web sites* pessoais ou institucionais do que em repositórios, sejam eles institucionais ou temáticos. O autor, ao elencar os fatores que podem representar estímulo ou barreiras para o autoarquivamento, estabelece a relação entre os custos e os benefícios associados a esta prática. Entre os fatores que são apresentados como custo, ou barreiras, estão o tempo adicional e o esforço necessários para a utilização do sistema e as preocupações com as questões relacionadas ao direito autoral. Por outro lado, os benefícios são caracterizados pelo reconhecimento profissional, pela visibilidade e pela possibilidade de garantir o acesso de forma ampla e irrestrita às produções acadêmicas.

Neste sentido, considera-se que as práticas de uso das redes sociais acadêmicas merecem atenção. É necessário entendê-las, mapeá-las e identificar os fatores que as motivam, confrontando-as com as questões que envolvem o povoamento dos repositórios institucionais. Estudos como esses colaboram para o entendimento das mudanças nas práticas do processo de comunicação científica e suas motivações. Além disso, colaboram na proposição de soluções que permitam fortalecer ainda mais o papel dos RI como instrumento para o amplo acesso à produção científica, livre de quaisquer barreiras legais, tecnológicas ou econômicas, bem como sua função de armazenar e preservar esta produção, dando maior visibilidade individual e institucional.

Assim, este trabalho tem como objetivo mapear o uso das redes de colaboração acadêmica em relação à prática de disponibilização voluntária da produção científica por parte de pesquisadores de Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras para, em seguida, confrontar esses resultados com os dados sobre o povoamento dos RI. O objeto de estudo será os RI das IES brasileiras. Para tanto, será definida uma amostra dessas instituições e seus respectivos RI para, posteriormente, relacionar e cotejar o número de documentos disponíveis em cada repositório e o número de publicações disponíveis na rede social acadêmica.

2 O MOVIMENTO DE ACESSO ABERTO – 15 ANOS

Assim como foi feito 10 anos após seu início, a comunidade científica renova seus compromissos com Movimento de Acesso Aberto, ao completar 15 anos. Tendo seu marco no evento organizado pela *Open Society Institute* (OSI), ocorrido em dezembro de 2001, na cidade

de Budapeste essa iniciativa buscou acelerar os esforços internacionais que já vinham sendo empreendidos por cada instituição isoladamente, para que os resultados de pesquisas de todas as áreas do conhecimento fossem disponibilizados livremente na Internet. Surge tendo como principal foco o artigo científico revisado por pares e publicados em periódicos de acesso restrito. No período que ficou conhecido como a crise do periódico científico, ocorrido na década de 1990, via-se o acesso a essa literatura tornar-se cada vez mais inviável devido aos altos custos de suas assinaturas (SAYÃO *et al.*, 2009). A declaração intitulada Iniciativa de Acesso Aberto de Budapeste ou *Budapest Open Access Initiative* (BOAI), firmada em 2 de fevereiro de 2002, assegura que o acesso livre é viável, proporcionando aos usuários o “extraordinário poder de encontrar e fazer uso das informações que lhes são relevantes” e, ao autor, a possibilidade de seu trabalho ter maior visibilidade, maior acesso e, conseqüentemente, maior impacto em sua produção (BOAI, 2002).

Nos anos que se seguiram à assinatura da Declaração de Budapeste, várias ações se sucederam, lideradas por pesquisadores das várias áreas do conhecimento e de vários países. Suber (2004) apresenta os principais marcos do movimento mundial de acesso livre à informação científica, dos quais destacam-se a Declaração Bethesda, oriunda da comunidade biomédica; e a Declaração de Berlim, sobre o Acesso Livre ao Conhecimento nas Ciências e Humanidades, ambas assinadas em 2003. As Declarações de Bethesda e de Berlim, juntas à Declaração de Budapeste, ficaram conhecidas com as 3B.

Ao longo dos dez anos que se seguiram após o primeiro manifesto, a comunidade científica pôs em ação suas recomendações: implementou vários repositórios e periódicos de acesso aberto, produziu estudos, desenvolveu *software*, criou diretórios, consórcios e *rankings* desses repositórios e periódicos. Alguns exemplos desses sistemas são o *Open Directory Open Access Repositories* (OpenDOAR)¹, *Confederation of Open Access Repositories* (COAR)², *Directory of Open Access Journals* (DOAJ)³, *Ranking Web of Repositories*⁴.

O sistema *Dspace*⁵ que, segundo dados do OpenDOAR sobre *software* de RI, é o mais utilizado no mundo na implementação de repositórios, passou por uma série de atualizações, buscando atender às novas demandas da comunidade científica. Aqui se destaca o uso de

¹ <http://www.opendoar.org/>

² <https://www.coar-repositories.org/>

³ <https://doaj.org/>

⁴ <http://repositories.webometrics.info/>

⁵ <http://www.dspace.org/>

sistemas de identificação persistente de objeto digital, o sistema *Handle System*⁶. O uso de identificador persistente colabora significativamente na recuperação e na preservação do objeto digital. O *Dspace* também passou a fornecer dados estatísticos sobre acesso aos itens, tais como: número de visualizações, quantidade de *downloads*, número de visitas aos *sites*, entre outros dados. Esses novos recursos colaboram para o uso de indicadores de métricas alternativas, apropriadas ao ambiente da *web*, como indicado nas novas recomendações do movimento.

Dez anos após o BOAI, a comunidade científica, por meio de um novo manifesto, renova seu compromisso com o Movimento de Acesso Aberto. O texto reafirma a confiança nos objetivos do movimento, em suas estratégias, princípios e em seus compromissos. Afirma que o acesso aberto está “bem estabelecido e em crescimento em todos os domínios”, e que nada, após dez anos do movimento, tornou o acesso aberto menos necessário e oportuno (BOAI10, 2012, p. 1).

Ao completar 15 anos, pesquisadores que estão à frente desse movimento, publicaram carta à comunidade científica. Neste documento relembram que a Iniciativa de Acesso Aberto de Budapeste “lançou uma campanha mundial de acesso aberto”, que seria construída com o trabalho conjunto da comunidade científica, para alcançar “sucesso mais amplo, mais profundo e mais rápido” (BOAI15, 2017, p.1).

Os resultados do movimento de acesso aberto vêm sendo apresentados em vários estudos produzidos pelas comunidades científicas das várias áreas do conhecimento. Gomes e Rosa (2010) afirmam que este movimento foi o grande aliado nas mudanças no fluxo da comunicação científica, enquanto Björk *et al.* (2014) mostraram que 82% das 148 instituições mais produtivas academicamente, tinham, pelo menos um RI para preservar e disseminar sua produção. É inegável que as ações avançaram e que o número de RI e de periódicos científicos de acesso aberto cresceram consideravelmente nesses 15 anos. Mas, no que diz respeito aos RI e seu papel como Via Verde do movimento, vários estudos mostram que, em grande parte, são sistema pouco povoado.

Rodrigues e Rodrigues (2014) reconhecem a importância crescente e crucial dos RI no contexto da publicação científica, mas afirmam que “os repositórios experimentam diversas dificuldades que limitam o seu crescimento e desenvolvimento e que se traduzem em

⁶ <https://www.handle.net/>

resistência, inércia ou desinteresse dos autores/investigadores por esta forma de publicação” (RODRIGUES; RODRIGUES, 2014, p.111).

Esta situação se torna um pouco mais complexa quando entram em cena novas soluções tecnológicas que se mostram mais atrativas para as práticas de pesquisa, de compartilhamento e de disseminação de informações. Neste sentido, as redes sociais virtuais têm proporcionado uma influência significativa nas atividades acadêmicas e de pesquisa. Em redes, como o *Facebook* ou o *Twitter*, por exemplo, os pesquisadores encontram um ambiente favorável para criar grupos de interesse, compartilhar ideias e conteúdos, trocar experiências, dentre outras atividades, de forma rápida. A partir dessas experiências, surgem as redes sociais virtuais com foco na comunidade científica, tais como o *ResearchGate* e *Academia.edu*. Essas redes serão apresentadas com mais detalhes nas próximas seções.

3 OS REPOSITÓRIOS INSTITUCIONAIS

Os RI surgem e ganham força no movimento de acesso aberto, como um instrumento fundamental para a organização, o armazenamento, a preservação e a disseminação da informação científica e tecnológica de forma livre, produzidas, principalmente, por instituições de ensino e pesquisa em todo o mundo. Sayão *et al.* (2009), ressaltam o papel político dos RI de acesso aberto no contexto de um amplo acesso à informação científica, “como nunca antes visto no ciclo da comunicação científica” (SAYÃO *et al.*, 2009, p.9). Lynch (2003), considerado uma autoridade no tema, descreve o momento histórico para a ciência em que o uso de RI por instituições acadêmicas se expande significativamente. O autor descreve que “o desenvolvimento de repositórios institucionais surgiu como uma nova estratégia que permite às universidades, de forma séria e sistemática, a aceleração das mudanças que ocorrem na comunicação erudita e acadêmica” (LYNCH, 2003, p. 1, tradução nossa)⁷.

Enfatizando o papel relevante do RI para as universidades, Lynch (2003) os define como um conjunto de serviços que estas oferecem a seus membros, para o gerenciamento e disseminação do conteúdo digital produzido pela instituição. O autor também chama a atenção para as questões relacionadas à administração, à criação de políticas, à preservação, ao acesso a esses materiais, destacando o papel do bibliotecário, dos profissionais de tecnologia da

⁷ *The development of institutional repositories emerged as a new strategy that allows universities to apply serious, systematic leverage to accelerate changes taking place in scholarship and scholarly communication.*

informação e dos arquivistas como colaboradoras para a manutenção desses recursos tecnológicos e seus serviços.

4 OS REPOSITÓRIOS INSTITUCIONAIS NO CONTEXTO NACIONAL

No Brasil, a implantação e a expansão do uso de RI foram promovidas pelo Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnológica (IBICT), órgão ligado ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC) e referência em acesso livre à informação científica no Brasil. O IBICT está à frente das ações de apoio e de execução das recomendações que fazem parte do movimento de acesso aberto no Brasil. Em 2005, lançou o Manifesto Brasileiro de Apoio ao Acesso Livre à Informação Científica que, segundo Kuramoto (2006), um dos colaboradores na elaboração do texto, deu início ao “desenho de uma política nacional de acesso livre à informação científica, tendo esse manifesto como guia orientador para a definição dessa política” (KURAMOTO, 2006, p. 93).

Leite, Assis e Melo lembram que no Brasil, os primeiros passos em direção ao acesso aberto se deram pela implantação, em 2002, da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), também um projeto do IBICT, que foi seguido pela implantação de outras BDTD nas instituições acadêmicas.

Em 2009, com o apoio da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), deu-se o passo inicial para a construção e implantação de RI que contemplaram, inicialmente, 33 instituições de ensino e pesquisa. Outra ação importante refere-se ao convênio entre Brasil e Portugal, representados respectivamente pelo IBICT e pela Fundação para Computação Científica Nacional (FCCN), para a promoção o acesso aberto nos dois países.

Os trabalhos iniciados pelo IBICT vêm evoluindo desde então. Murakami e Fausto (2013) apresentam um panorama dos RI das IES no Brasil. Neste estudo os autores mostram que em agosto de 2013 foram identificados 49 RI de IES, como um total de 396.881 itens. Nos três primeiros lugares, em volume de conteúdo, destacam-se o RI da UFRGS, o Lume, com 18,8% do conteúdo, ou, cerca de 74.600 itens. Os segundo e terceiro lugares são representados por duas BDTD, sendo o segundo lugar da UNICAMP, com cerca de 13,6% do total, o seja, cerca de 53.900 itens, e o terceiro da USP, com 10,4%, ou cerca de 41.275. Os autores indicam um aumento significativo do número de RI no Brasil e ressaltam a importância de se manter esses dados atualizados, acompanhando a evolução do cenário brasileiro.

5 REDES DE COLABORAÇÃO ACADÊMICA

Cassota *et al.* (2017) consideram que serviços como *ResearchGate*⁸, *Academia.edu*⁹, *Mendeley*¹⁰, além de outras como *Zotero*¹¹ são formas de apoio para pesquisadores na obtenção e compartilhamento de informações científicas e acadêmicas. São

“[...] ferramentas utilizadas na finalidade de apoiar o armazenamento, compartilhamento e reutilização de conhecimento científico, cujo intuito maior é a integração e/ou relacionamento entre autores, pesquisadores, professores e estudantes para o trato de informação de interesse em comum” (CASSOTA *et al.*, 2017, pg. 19).

Além disso, há contribuições com comentários, críticas e sugestões sobre os trabalhos disponibilizados no ambiente. Neste grupo de ferramentas, as redes *ResearchGate* e *Academia.edu* vêm ganhando destaque no meio acadêmico. Ambas com nove anos de atividade já contabilizam milhões de membros e de publicações armazenadas.

A *Academia.edu* é uma plataforma, com características de redes social virtual, desenvolvida com o objetivo de oferecer à comunidade científica um meio para compartilhar sua produção científica. Segundo o *site* da plataforma, sua missão é acelerar as pesquisas no mundo, oferecendo aos pesquisadores a possibilidade de monitorar o impacto de sua produção, acompanhar outras pesquisas e compartilhar informações com outros pesquisadores de todo o mundo, com interesses semelhantes. A rede, lançada em 2008, conta, atualmente, com mais de 56 milhões de inscritos e cerca de 19 milhões de documentos (ACADEMIA.EDU, 2017).

O *ResearchGate*, com características semelhantes às da *Academia.edu*, fundada também em 2008, se apresenta como uma rede criada por cientistas para cientistas. Segundo informações do *site*, o *ResearchGate* conta, atualmente, com mais de 13 milhões de membros, mais de 100 milhões de publicações de 193 países. A rede tem como missão conectar o mundo da ciência e promover a pesquisa aberta para todos (RESEARCHGATE, 2017).

As duas redes oferecem capacidade de armazenamento para qualquer tipo de produção acadêmica, feitas pelo próprio autor, informando estatísticas de uso, *download*, quantidade de visitas, dentre outras possibilidades. Para alguns autores, estas plataformas vêm, de certa forma, concorrendo com os RI, oferecendo serviços mais atrativos e facilidades que não são oferecidos pelos repositórios.

⁸ <https://www.ResearchGate.net>

⁹ <https://www.academia.edu/>

¹⁰ <https://www.mendeley.com/>

¹¹ <https://www.zotero.org/>

Tay (2017), em um artigo onde propõe que se repense o RI, indica alguns fatores como responsáveis pela falta de motivação dos pesquisadores em depositar seus trabalhos nestes repositórios. O primeiro fator apresentado pelo autor é o desconhecimento, por parte dos pesquisadores, da existência do repositório em sua instituição, seguido das dúvidas em relação aos direitos autorais de sua produção. O autor complementa, afirmando que a estrutura acadêmica não oferece nenhum incentivo para que o pesquisador se interesse por publicações em acesso aberto. Ao não oferecerem uma experiência interessante para os usuários, não os atraindo para fazer uso mais intensivo dos RI, outras soluções vêm ganhando espaço como instrumento de armazenamento e compartilhamento da produção dos pesquisadores, como as chamadas *Scholarly Collaboration Networks* (SCN) ou Rede de Colaboração Acadêmica, como o *ResearchGate* e a *Academia.edu* (TAY, 2017).

Nestas plataformas os pesquisadores possuem controle sobre sua conta e seus arquivos, independente da instituição em que estiverem atuando. Além disso, neste ambiente, o pesquisador pode contar, de forma concentrada, com estatísticas de uso de sua produção, além de estabelecer, neste mesmo ambiente, redes de relacionamento com outros pesquisadores com interesses semelhantes. Alguns desses benefícios são inviáveis no formato atual dos repositórios institucionais (TAY, 2017).

Seu interesse e uso pelos pesquisadores vêm se tornando tão expressivo que os idealizadores do *Ranking Web of Repositories*¹² passaram a monitorar essas redes a fim de sensibilizar a comunidade científica sobre este fenômeno. O *ranking* é um projeto de iniciativa do *Cybermetric Lab*, grupo de pesquisa ligado ao Conselho Superior de Investigação Científica da Espanha (*Consejo Superior de Investigaciones Científicas* - CSIC). Seus idealizadores vêm observando uma tendência, que eles classificam como uma “concorrência” aos RI, uma vez que autores depositam seus trabalhos nesses ambientes, ao invés de fazê-lo no repositório de sua instituição. Em sua 21ª Edição, segundo os critérios de ranqueamento, o *ResearchGate* aparece em 1º lugar seguido pela *Academia.edu*.

“[...] mas, algumas vezes, os autores estão depositando seus artigos nesses sites ao invés de fazê-lo em seus próprios repositórios institucionais. O limitado valor agregado oferecido pela atual geração de *software* de repositórios, somado à incapacidade dos gestores de bibliotecas e dos *webmasters* em melhorar o perfil e outras opções de personalização estão levando a esta lamentável tendência emergente. Por esta razão, estamos mostrando o grande desempenho destes "concorrentes", visando aumentar

¹² <http://repositories.webometrics.info/>

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP

a conscientização: é necessário melhorar os repositórios (institucionais) com uma forte orientação para o usuário final (autores)” (RANKING WEB OF REPOSITORIES, 2017) (tradução nossa)¹³.

Borrego (2017) apresentou um estudo, onde foram observadas as práticas dos pesquisadores das 13 principais universidades espanholas, em relação à disponibilização de sua produção em acesso aberto. O autor teve como foco os RI dessas universidades e a rede social *ResearchGate*. Os resultados mostram que, em uma amostra de 1.031 artigos produzidos por pesquisadores das 13 universidades espanhola, cerca de 84%, ou seja, 917 artigos, não estavam disponíveis nos RI aos quais os pesquisadores eram afiliados. Desses 917 artigos, 775 foram publicados em periódicos que permitem alguma forma de depósito (*preprint* ou *posprint*). São os periódicos denominados *Green*, *Blue* e *Yellow Journals*, de acordo com suas políticas de arquivamento, seguindo o padrão de cores do SHERPA/RoMEO¹⁴. Por outro lado, 564 artigos da amostra foram recuperados em texto completo no *ResearchGate*, ou seja, 54,8% do total. Destes, 71 também estavam disponíveis em RI. O autor conclui que o espírito do acesso aberto está presente na mente e nas ações da comunidade científica, mas chama a atenção para o fato de que os pesquisadores, em número significativo, não escolhem os RI para depositar suas produções.

Corroborando com esses resultados estão os estudos desenvolvidos por Farias e Santos (2017) e Orduña-Malea *et al.* (2016). Farias e Santos (2017), por meio de consulta a uma comunidade de usuários, membros de uma instituição acadêmica, identificaram que o 74% dos respondentes desconheciam a existência do RI. Orduña-Malea *et al.* (2016) mostram que nos primeiros sete anos de sua existência, o *ResearchGate* se tornou o recurso de maior popularidade, quando comparado a outras aplicações de rede voltadas para a comunidade científica. Os autores a consideram a rede acadêmica mais usada pelos cientistas.

Em um contexto onde o volume de informações disponíveis na Web e a diversidade de sistemas de informação tornam a recuperação e o compartilhamento dessas informações

¹³ “[...] *but sometimes authors are depositing their papers in these websites instead of their own institutional repositories. The limited added value provided by the current generation of repository software and the inability of library managers and repository webmasters in improving profiling and other customization options are leading to this unfortunate emerging trend. For this reason, we are showing the great performance of these "competitors" for increasing awareness: It is badly needed to improve repositories with a strong end-user (authors) orientation*”

¹⁴ As cores são utilizadas pelo projeto SHERPA/RoMEO (<http://sherpa.ac.uk>) para descrever se um periódico adota somente o arquivamento de *preprints* (*yellow*), somente *posprints* (*blue*), ambas (*green*) ou nenhuma dessas possibilidades (*white*).

tarefas extremamente complexas, cada vez mais é fundamental contar com recursos que tornem esses processos mais eficientes e eficazes. Assim, é esperado que soluções que facilitem a comunicação e ampliem a capacidade de troca de informação e seu compartilhamento ganhem espaço dentro das comunidades científicas.

Durante a revisão da literatura para a elaboração deste estudo, não foram localizados estudos que relacionam o uso de RI e de redes de colaboração acadêmica por pesquisadores brasileiros. Assim, nas próximas seções serão apresentados os resultados do levantamento feito sobre o volume de publicações disponíveis em RI das IES brasileiras, comparativamente ao volume dessas publicações no *ResearchGate*.

6 METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa se caracteriza como sendo de natureza quantitativa e descritiva, fazendo uso da coleta e a da análise de dados que são recuperados sob condições de controle. Pretende-se observar, a partir do levantamento e da análise dos dados, as práticas dos pesquisadores das IES brasileiras em relação à disponibilização de suas publicações em ambientes de compartilhamento de informações, institucionais e não institucionais, por meio de depósito voluntário. Os procedimentos metodológicos contemplam a coleta de dados, realizada em duas etapas, nas fontes: *Directory of Open Access Repositories – OpenDOAR* e rede de compartilhamento acadêmica *ResearchGate*.

Orduña-Malea, Martín-Martín e López-Cózar (2016) afirmam que o *ResearchGate* e a *Academia.edu* são as redes de colaboração acadêmica mais populares. Ambas foram lançadas em 2008, mas a rede *ResearchGate*, segundo informações do *site*, possui um volume de documentos significativamente maior que o *Academia.edu* (100 versus 19 milhões, respectivamente). Além disso, o *ResearchGate* apresenta uma interface que favorece a coleta dos dados de interesse para esta pesquisa, como o número de membros e o total de publicações disponíveis para cada instituição. Por estes motivos (abrangência e características da interface), optou-se, neste estudo, por trabalhar com a rede *ResearchGate*.

A primeira etapa da coleta de dados, no *OpenDOAR*, foi realizada em 17 de julho de 2017. Foi utilizada a estratégia de busca para elencar todos os RI brasileiros e, a partir desta lista, foram selecionados os RI de todas as IES e o número de documentos armazenados em cada repositório. A partir dos dados coletados, temos que o Brasil apresenta 92 repositórios

cadastrados no *OpenDOAR*, dos quais 74 são RI¹⁵. Excluindo os cadastros duplicados, foram selecionados para a amostra, 51 RI de 43 IES.

A segunda etapa da coleta dados também foi realizada no dia 17 de julho de 2017, na base de dados *ResearchGate*, considerando as instituições selecionadas na primeira etapa do levantamento de dados. Por meio dos mecanismos de busca do sistema, foram localizadas as IES da amostra e, para cada uma delas, foram recuperados o número de membros e o número de publicações disponíveis. Importante ressaltar que todas as instituições da amostra estavam representadas no *ResearchGate*, com seus respectivos membros e publicações. Estão sendo considerados membros de uma IES os usuários que declaram como tal ao se cadastrarem no *ResearchGate*. É importante considerar que no caso dos RI há maior rigor para o estabelecendo deste vínculo.

7 RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

A partir dos dados obtidos por meio do diretório *OpenDOAR*, é possível observar que o número de repositórios institucionais no Brasil, assim como em todo o mundo, cresceu de forma significativa nos últimos 15 anos. Até a data de coleta dos dados, eram 2.878 RI cadastrados em todo o mundo e 74 no Brasil, conforme indicado nas Figuras 1 e 2.

Figura 1 – Crescimento do número de RI no mundo – período de dez/2005 a jul/2017



Fonte: *OpenDOAR*, 2017

¹⁵ Os demais são classificados como Agregações de repositórios (2), Disciplinares ou Temáticos (10) e Governamentais (6).

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP

Os valores de 1 a 26 indicados nas figuras, representam, na coluna à direita, o número de RI em um determinado momento, ao longo dos anos entre 2005 e 2017. É possível observar que no caso brasileiro houve um aumento acentuado no número de RI ao final do ano 2010 e início de 2011, provavelmente resultado das ações do IBICT iniciadas em 2009.

Foram computados para este estudo 51 RI, pertencentes a 43 instituições. Cinco desses repositórios são exclusivos para teses e dissertações, ou seja, BDTD.

Figura 2 - Crescimento do número de RI no Brasil – período de dez/2005 a jul/2017



Fonte: *OpenDOAR*, 2017

Também a partir dos dados coletados no *OpenDOAR*, é possível relacionar o número de documentos armazenados em cada um desses repositórios. O Quadro1 a seguir apresenta a amostra dos 51 RI das IES brasileiras e o número de documentos armazenados em cada repositório. No quadro também são apresentados, de forma consolidada, os dados obtidos no *ResearchGate* sobre o número de membros e publicações disponibilizadas por cada instituição. Ressalta-se que estão sendo considerados membros de uma IES no *ResearchGate* aqueles usuários que se declaram como tal ao se cadastraram no sistema, diferente dos RI onde há maior rigor no estabelecimento deste vínculo.

Os 51 repositórios somam, entre artigos, teses e dissertações, publicações de conferências, objetos educacionais, 891.168 documentos. Este número representa uma média

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP

de 17.913 documentos por repositório e um aumento de cerca de 120% em relação aos resultados obtidos por Murakami e Fausto (2013).

Quadro 1: Documentos em RI de IES brasileiras, membros e publicações no *ResearchGate*

Nome do Repositório	OpenDOAR	ResearchGate	
	Documentos	Membros	Publicações
Lume - Repositório Digital da UFRGS	161.200	8.561	13.164
Acervo Digital da Unesp	126.896	7.694	13.272
Repositório Institucional da UFSC	96.664	6.819	7.598
Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP	69.774		
Biblioteca Digital da Produção Intelectual da USP (BDPI/USP)	43.912	32.349	65.602
Brasiliana USP	7.665		
Biblioteca Digital da UNICAMP	48.208	9.032	24.382
Repositório Institucional UNIFESP	37.919	4.074	12.795
Repositório Digital Institucional da UFPR	27.268	6.067	5.396
Repositório Institucional da UnB	22.196		
Monografias UnB	10.979	5.302	5.449
Repositório Institucional da UFC	21.730	3.083	4.833
Repositório Institucional da UFB	21.107	2.383	3.897
Projeto Maxwell – PUC-Rio	20.271	1.680	3.062
Repositório Institucional da UFPE	19.059	5.156	6.584
Repositório Institucional da Fiocruz – ARCA	15.803		
Repositório Institucional de Produção Científica da ENSP	14.767	2.463	6.851
Repositório Institucional da UFRN	11.461	2.228	2.634
Repositório Institucional da UFLA	11.055	2.172	726
Repositório Institucional do UniCEUB	9.978	131	25
Repositório Institucional da PUC-RS	9.568	2.285	1.835
Repositório Institucional da UFU	7.229	2.767	2.600
Biblioteca Digital de Teses e Dissertações Eletrônicas da UERJ	7.157	1.885	4.776
Roca – UTFP	6.700		
Repositório Institucional da UTFPr	2.042	2.649	1.853
Repositório de Teses e Dissertações da UFG	6.676		
Repositório Institucional da UFG	6.120	2.259	2.501
Repositório Institucional da UFOP	6.578	635	886
Repositório Institucional da UFPA	6.499	2.727	2.064
Repositório Institucional da UFES	5.733	1.846	1.370
Repositório de Teses e Dissertações da UFPB	5.326		
Repositório Eletrônico Institucional UFPB	983	1.657	1.199
Repositório Institucional da FURG	3.828	1.259	638
Repositório Institucional da UFF	3.006	4.744	2.667
Repositório Institucional UFMS	2.879	1.127	882
Repositório Institucional da UFPeI	2.860	2.025	1.975
Repositório Institucional da UFS	1.583	1.066	973
Repositório Institucional da UNILA	1.416	298	4
Biblioteca Digital da Univates – BDU	1.387	286	57
Repositório Digital UNINOVE	928	855	213
Repositório Digital da USCS	869	96	47
Repositório Institucional da UFVJM	774	490	208
Memória – Repositório Institucional da IFRN	743	316	12
Repositório Digital da UFMG	724	8.617	14.138
Repositório UEPG	595	578	652
Repositório Institucional da UFRB	360	303	72
Repositório Institucional da FSA	231	48	58
Repositório Institucional da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública	190	425	223
Repositório de Publicações Científicas da UFMA	145		
Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFMA	17	643	533
Repositório de Divulgação das Produções Científicas e Técnicas da UFGD	110	461	121
TOTAL	891.168	141.541	218.827

Fonte: Elaborado pelos autores

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

Podemos considerar que os repositórios da IES brasileiras, em grande parte, apresentam um baixo povoamento, uma vez que somente 13 dos 51 repositórios (25,4%) apresentam acervos com volume acima da média. Os repositórios que são exclusivos para teses e dissertações somam 88.950 documentos, cerca de 10% do total.

Os dados mostram que o RI da UFRGS, o Lume, também se destacou, ficando em primeiro lugar em número de documentos armazenados (161.200), o que representa 18,08% de todo o conteúdo.

O Acervo Digital da UNESP ocupa o segundo lugar na lista, com 126.896, ou seja, 14,23% do total de documentos. A lista segue com o RI da UFSC em terceiro lugar, com 96.664, ou 10,84% do total. Os quarto e quinto lugares estão representados pela BDTD da USP e da UNICAMP, respectivamente com 69.774 e 48.208 documentos, que representam 7,82% e 5,4% do conteúdo total de todos os RI de IES brasileiras.

Estudos, como o realizado por Veiga e Macena (2015), apontam as políticas de autoarquivamento como uma das causas para o baixo povoamento dos RI no Brasil. Os autores chegam a afirmar que “a Via Verde se encontra em crise”. Além de ser considerado fundamental para a expansão do acesso aberto, o autoarquivamento pode colaborar na aceleração do processo de povoamento dos repositórios, uma vez que esta atividade será distribuída entre os pesquisadores das instituições.

Em consulta feita a gestores de RI brasileiros, Veiga e Macena (2015) verificaram que 36% desses repositórios não disponibilizavam o autoarquivamento para seus pesquisadores. Daqueles RI que disponibilizavam o autoarquivamento, somente 5% de seu conteúdo haviam sido autoarquivados. Os autores apontam a falta de conscientização dos gestores dos RI e dos bibliotecários quanto aos objetivos do acesso aberto e da Via Verde com alguns dos fatores que favorecem a baixa adesão pelos pesquisadores ao autoarquivamento. Segundo os autores, cerca de 86% dos gestores que participaram da pesquisa “não acreditam que seus pesquisadores se interessariam em autoarquivar caso houvesse esta possibilidade” (VEIGA, MACENA, 2015, p. 44). Reforçam, também, que cada instituição ou comunidade científica deve buscar identificar e encontrar soluções para os fatores que podem estar dificultando esta adesão às práticas do acesso aberto.

No quadro também é possível observar que sete IES da amostra possuem mais de um RI, com finalidades diferentes e, em alguns casos, com sistemas de características diferentes. Considerando os fatores elencados por Kim (2010), isto pode significar uma barreira para o

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP

autoarquivamento, uma vez que o tempo adicional, o esforço e a habilidade técnica necessários para a utilização destas plataformas foram considerados como de maior custo nesta prática.

Para observar o uso da rede *ResearchGate* por pesquisadores de IES brasileiras, foram coletados os dados das 43 IES da amostra selecionadas na primeira etapa do levantamento de dados. Ressalta-se que todas as 43 instituições estavam presentes no *ResearchGate* com membros de suas comunidades e publicações disponíveis. Para cada instituição foi coletado o número de membros cadastrados e o número total de publicações disponibilizadas.

Na base de dados do *ResearchGate* foram identificados 141.541 usuários que se identificaram como membros e 218.827 publicações das IES da amostra. As cinco instituições que se destacam em número de membros são listadas abaixo.

- Universidade de São Paulo (USP): 32.349 membros, 22,85% do total;
- Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP): 9.032 membros, 6,38% do total;
- Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG): 8.617, 6,08% do total;
- Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS): 8.561, 6,04% do total;
- Universidade Estadual Paulista (UNESP): 7.694, 5,43% do total.

Com relação ao número de publicações disponíveis no *ResearchGate*, entre as cinco instituições que se destacam neste quesito, a USP, a UNICAMP e a UFMG se encontram nas primeiras posições, com 65.602 (17,8% do total), 24.382 (6,61%) e 14.138 (3,83%), respectivamente. A seguir, temos a UNESP com 13.272 (3,6%) publicações disponíveis e a UFRGS, com 13.164 (3,57%).

Em seguida, foram comparados os números de documentos disponíveis nos RI e no *ResearchGate* para cada IES. O número total de publicações disponíveis no *ResearchGate*, referentes às IES da amostra, 218.827, corresponde a 24,55% do total de publicações disponíveis em todos os RI, 891.168.

Se observamos as instituições que ocuparam as cinco primeiras posições no *OpenDOAR*, em relação ao número de documentos, temos que, no *ResearchGate*, o número de publicações referentes à UFRGS, 13.164, representam 8,17% de toda publicação disponível no RI da IES. Com relação a UNESP, temos 13.272 publicações disponíveis no *ResearchGate*, que correspondem a 10,46% dos documentos disponíveis em seu RI. Já com relação à UFSC, foram indicadas, no *ResearchGate*, 7.598 publicações, ou seja, 7,86% do acervo de seu RI. A seguir, temos a USP, que possui 65.602 publicações disponíveis no *ResearchGate* e a UNICAMP, que possui 24.382.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

No caso da USP, o número de publicações no *ResearchGate*, 65.602, representa cerca de 54,06% do somatório de documentos disponíveis em seus três repositórios. Por outro lado, a UNICAMP possui no *ResearchGate* um número de publicações, 24.382, que corresponde a 50,58% de todos os documentos disponíveis em seu RI.

Observa-se, também, cinco situações nas quais o número de publicações disponibilizadas no *ResearchGate* chega a ser maior do que os oferecidos no RI da IES, como é o caso da UFMG, UEPG, EBMSP, UFMA e UFGD. Chama a atenção o baixo volume de documentos disponíveis nestes repositórios, o que representa que eles não estão cumprindo seu principal papel de armazenar, preservar e dar visibilidade à produção científica institucional. Por outro lado, os dados obtidos por meio do *ResearchGate* sugerem que, apesar do interesse por parte dos pesquisadores em disponibilizar sua produção, estes parecerem não contarem com apoio institucional e as orientações necessárias para utilizarem seus repositórios com esta finalidade.

A UNIFESP apresenta a maior relação entre o número de publicações e o número de membros da instituição, 3,14. Em seguida, temos a FIOCRUZ, com 2,78, e a UNICAMP, cuja relação é de aproximadamente 2,70 publicações por pesquisador cadastrado na rede social.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados mostram que há uma parcela significativa da comunidade científica brasileira que participa da rede social acadêmica *ResearchGate* e que está motivada a disponibilizar sua produção por meio do autoarquivamento. Esta situação chama a atenção, principalmente para aquelas IES onde o número de documentos disponíveis nas redes de colaboração acadêmica supera o número de documentos disponíveis em seus repositórios. Os documentos disponibilizados em redes de colaboração acadêmica como o *ResearchGate* e a *Academia.edu* não podem ser considerados documentos em acesso aberto, uma vez que para ter acesso ao texto completo, quando disponível, o usuário precisa estar cadastrado. Esta característica fere um dos preceitos do acesso aberto, que preconiza que não haja nenhuma barreira, tecnológica ou financeira que limite o acesso ao documento. Além disso, outro objetivo do movimento de acesso aberto é o de devolver à comunidade científica, e mais particularmente ao pesquisador, o controle sobre suas publicações e sobre sua preservação, garantindo maior visibilidade. Redes como o *ResearchGate* são mantidas por financiamento de empresas privadas, que não necessariamente estão comprometidas com o livre acesso à

literatura científica. Desta forma, a qualquer momento, este cenário pode ser modificado, promovendo maior restrição de acesso as suas bases de dados.

Como afirma Borrego (2017), é preciso repensar os repositórios institucionais. Desde a sua primeira implantação, no início na década de 1990 e da proposta do autoarquivamento, muitas coisas mudaram. O surgimento da Web 2.0 provocou transformações significativas no uso da tecnologia, principalmente na internet, onde o compartilhamento de informações a colaboração e as interações em rede são fundamentais para dar maior celeridade aos processos de pesquisa e produção de conhecimento. Essas características não estão presentes, atualmente, nos recursos e serviços oferecidos pelos sistemas dos repositórios e, aliado à falta de informação ou a desinformação, vão se tornando subutilizados por sua comunidade.

Outra iniciativa a destacar refere-se ao grupo de trabalho iniciado em abril de 2016, pela *Confederation of Open Access Repositories* (COAR), que visa identificar novas demandas da comunidade científica e desenvolver novas tecnologias e funcionalidades para os RI. Denominado *Next Generation Repositories* ou Nova Geração de Repositórios, o grupo tem como um de seus objetivos, agregar valor aos serviços oferecidos pelos repositórios, fornecendo acesso não só a artigos, mas uma grande variedade de objetos digitais como conjuntos de dados, *preprints*, imagens, *software*, entre outros. Assim, buscam fortalecer os repositórios como base de uma infraestrutura de rede globalmente distribuída, “tornando-os mais centrados na pesquisa, aberto e favorável a inovação, sendo gerido coletivamente pela comunidade acadêmica” (COAR, 2017) (tradução nossa)¹⁶.

Recomenda-se que este estudo seja aprofundado a fim de mapear, por exemplo, quem são os usuários que se identificam como membros de uma instituição acadêmica, se são docentes, alunos de pós-graduação, alunos de graduação. Investigar por que algumas IES estão com seus repositórios tão pouco povoados, se são instituições criadas recentemente e, por isso, possuem pouca produção, ou se há outras dificuldades. Avaliar o que leva um pesquisador a disponibilizar sua produção em uma rede social acadêmica e não no repositório de sua instituição. As respostas a essas perguntas podem nortear ações e proposições de soluções que atendam de forma mais eficaz as demandas da comunidade científica.

¹⁶ [...] *making it more research-centric, open to and supportive of innovation, while also collectively managed by the scholarly community.*

9 AGRADECIMENTOS

Os autores gostariam de agradecer o apoio da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

REFERÊNCIAS

ACADEMIA.EDU. Disponível em: <<https://www.academia.edu/about>>. Acesso em: jul. 2017.

ASSIS, Tainá Batista de. Análise das políticas de autoarquivamento em repositórios institucionais brasileiros e portugueses. **Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 2, edição especial, p. 212-227, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/69329/71822>>. Acesso em: jul.2017.

BOAI, Budapest Open Archives Initiative. 2002. Disponível em: <<http://www.budapestopenaccessinitiative.org/read>>. Acesso em: jul. 2017.

BOAI, **Budapest Open Archives Initiative 10 years**. 2012. Disponível em: <<http://www.budapestopenaccessinitiative.org/boai-10-recommendations>>. Acesso em: jul. 2017.

BOAI, **Budapest Open Archives Initiative 15 years**. 2017. Disponível em: <<http://www.budapestopenaccessinitiative.org/boai15-1>>. Acesso em: jul. 2017.

BJÖRK, Bo-Christer; LAAKSO, Mikael, WELLING, PAETAU, Patrik. Anatomy of green open access. **Journal of the Association for Information Science and Technology**, 65(2), 237–250, 2014. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/asi.22963/>>. Acesso em: jul. 2017.

BORREGO, Ángel. Institutional repositories versus ResearchGate: the depositing habits of Spanish researchers. **Learned Publishing**, v. 30, p. 185-192, 2017. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/leap.1099>>. Acesso em: jul. 2017.

CASSOTA, Maria Luiza Jurema et al. Recursos de Conhecimento: colaboração, participação e compartilhamento de informação científica e acadêmica. **Informação e Sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 27, n. 1, p. 17-34, jan./abr. 2017. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/29469/17409>>. Acesso em: jul. 2017.

CONFEDERATION OF OPEN ACCESS REPOSITORIES (COAR). Disponível em: <<http://comment.coar-repositories.org/>>. Acesso em: jul. 2017.

FARIA, Roni Anderson Nascimento; SANTOS, Raimunda Fernanda dos. Análise do uso de repositórios digitais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. **Revista Informação na Sociedade Contemporânea**, Natal, número especial, p. 11-20, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/informacao/article/view/12285/8513>>. Acesso em: jul. 2017.

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP

GOMES, Maria João; ROSA, Flávia Garcia. **Repositórios Institucionais: democratizando o acesso ao conhecimento**. Salvador: UFBA, 2010. Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/bitstream/ri/616/3/Repositorios%20institucionais.pdf>. Acesso em: jul. 2017.

KIM, J. Faculty self-archiving: motivations and barriers. **Journal of the Association for Information Science and Technology**, v. 61, n. 9, p. 1909-1922, 2010.

KURAMOTO, H. Informação científica: proposta de um novo modelo para o Brasil. **Ciência da Informação. Brasília**, v. 35, n. 2, p. 91-102, maio-ago, 2006. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1144/1305>>. Acesso em: mar. 2017.

LYNCH, Clifford. Institutional repositories: essential infrastructure for scholarship in the digital age. **ARL Bimonthly Report**, 26, 2003. Disponível em: <http://www.arl.org/newsltr/226/ir.html>>. Acesso em: mar. 2017.

MURAKAMI, Tiago Rodrigo Marçal; FAUSTO, Sibeles. Panorama atual dos repositórios institucionais das instituições de ensino superior no Brasil. **Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 2, p. 185-201, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/69327/71820>>. Acesso em jul. 2017.

ORDUÑA-MALEA, Enrique; MARTÍN-MARTÍN, Alberto; LÓPEZ-CÓZAR, Emilio Delgado. ResearchGate como fuente de evaluación científica: desvelando sus aplicaciones bibliométricas. **El Profesional de la Información**, v. 25, n. 2, p. 303-311, mar./abr. 2016.

RODRIGUES, Eloy; SWAN, Alma; BAPTISTA, Ana Alice **Uma década de acesso aberto na UMinho e no mundo**. Porto: **Universidade do Minho**, 2013. Disponível em: http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/26144/3/RepositoriUM_10anos.pdf> Acesso em: jul. 2017.

RANKING WEB OF REPOSITORIES. Disponível em: <http://repositories.webometrics.info/>>. Acesso em: jul. 2017.

RESEARCHGATE. Disponível em: <https://www.ResearchGate.net/about>>. Acesso em: jul. 2017.

RODRIGUES, Maria Eduarda Pereira. RODRIGUES, Antonio Moitinho. Os autores e o repositório científico: estudo de caso. **RECIIS – Revista Eletrônica de Comunicação Informação e Inovação em Saúde**, v.8, n. 2, p. 107-121, 2014. DOI: 10.3395/reciis.v8.i2.912.pt

SAYÃO, Luis et al. **Implantação e gestão de repositórios Institucionais: políticas, memória, livre acesso e preservação**. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/473/3/implantacao_repositorio_web.pdf>. Acesso em: jul. 2017.

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP

SUBER, Peter. **Open access overview**. 2004. Disponível em:
<<http://legacy.earlham.edu/~peters/fos/overview.htm>>. Acesso em: jul. 2017.

TAY, Aron. Rethinking institutional repositories. **Online Searcher**, v.41, n.2, p.10-16,
mar./abr. 2017.

VEIGA, Viviane; MACENA, Luis Guilherme. O autoarquivamento nos repositórios
institucionais brasileiros: um estudo exploratório. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 9, n. 3, p.
35-47, dez. 2015. Disponível em:
<<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/15107/10302>>. Acesso em:
jul.2017.